



ARTIGOS

REVERBERAÇÕES DA NOSSA ESTRELA MARLI ANDRÉ

Menga LÜDKE

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ

Rio de Janeiro, RJ – Brasil

menga@puc-rio.br

ORCID - <https://orcid.org/0000-0002-3202-5101>

Submetido em: 05/11/2021

RESUMO: A carreira de nossa querida Marli André, como professora e pesquisadora, se desenvolveu com uma pujança crescente, sustentada pelos múltiplos talentos, que ela sempre manteve ativos no estudo dos problemas que cercam nossa educação. São muitos os aspectos aos quais sua contribuição efetiva ajudou a esclarecer e a propor sugestões para sua melhoria. Para este dossiê, ao lado da colaboração de queridos colegas, procurei focalizar alguns dos aspectos nos quais estivemos mais próximas, sendo que sempre caminhamos por uma esteira comum, de princípios e valores, profissionais e pessoais, sobre a base de uma grande amizade, desde que foi minha aluna em seu curso de mestrado.

PALAVRAS-CHAVE: Carreira docente; Formação de professores; Grupos de pesquisa; Produção bibliográfica

REVERBERATIONS OF OUR STAR MARLI ANDRÉ

ABSTRACT: The career of our dear Marli André, as a teacher and researcher, developed with a growing strength, supported by multiple talents, which she has always kept active in the study of the problems surrounding our education. There are many aspects where her effective contribution helped to clarify and where her proposed suggestions helped to improve them. For this dossier, together with the collaboration of dear colleagues, I tried to focus on some of the aspects in which we were closest, as we have always walked along a common path, of professional and personal principles and values, based on our great friendship, since she was my student in her master's course.

KEYWORDS: Teacher-researcher - Teaching career - Teacher training - Research groups - Bibliographic production

REVERBERACIONES DE NUESTRA ESTRELLA MARLI ANDRÉ

RESUMEN: La carrera de nuestra querida Marli André, como docente e investigadora, se desarrolló con una fuerza creciente, sustentada en múltiples talentos, que siempre ha mantenido activa en el estudio de los problemas que rodean nuestra educación. Son muchos los aspectos en los que su eficaz contribución ayudó a aclarar y proponer sugerencias de mejora. Para este dossier, junto con la colaboración de queridos compañeros, traté de centrarme en algunos de los aspectos en los que estábamos más cerca, ya que siempre hemos caminado por un camino común, de principios y valores profesionales y personales, a partir de una gran amistad desde que fue alumna mía en su maestría.

PALABRAS-CLAVE: Carrera docente - Formación de profesores - Grupos de investigación - Producción bibliográfica

Introdução

Meu foco neste texto será sobre a figura brilhante de Marli André como professora e pesquisadora, vivendo de modo intenso e muito efetivo a evolução dos problemas na área da educação e como foram estudados e enfrentados, ao longo do tempo em que a eles dedicou seu trabalho e seus talentos. Vou tentar me colocar como um espelho a refletir a figura tão querida e refletir sobre o muito que ela pode nos ajudar a entender a complexidade desses problemas e dos desafios para enfrenta-los. Vou procurar captar e explorar mais de perto aspectos nos quais estivemos mais próximas, de modo especial após sua mudança para o rio de Janeiro, onde seu marido passou a trabalhar.

Sobre Marli André

Nascida e criada, como eu, no interior do Estado de São Paulo e tendo cursado Letras na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, então na rua Maria Antônia, onde eu alguns anos antes tinha cursado Filosofia, ambas com o brinde de ter, entre outros, o grande professor Antônio Cândido de Mello e Souza, tínhamos, logo de início, traços que marcavam uma afinidade básica para uma amizade perene.

Licenciada em Letras, Marli teve oportunidade de exercer o magistério como professora de Português e de Francês, ainda em São Paulo, em escolas públicas e privadas da educação básica, tendo se aproximado do trabalho desenvolvido no Ginásio Pluricurricular da Lapa, com as "classes experimentais", experiência inovadora muito importante, pouco conhecida, nos anos de 1960. Suponho que o trabalho junto a essa experiência representou para Marli a abertura de um cenário de possibilidades novas de trabalho nas escolas, com seus professores e alunos, de modo bem mais livre e criativo do que os habituais até então. Essa abertura pode tê-la ajudado a ver como possível a realização de ideias inovadoras, que a literatura recente ia oferecendo, ou ela mesma ia sugerindo frente aos problemas urgentes da nossa educação e de como a pesquisa poderia ajudar a enfrentá-los.

Já aqui no Rio, Marli cursou uma nova licenciatura, em Pedagogia, na então Universidade de Santa Úrsula, instituição de grande prestígio na época. Testemunhas muito conhecidas na área da educação, como Gaudêncio Frigotto e Pedro Benjamin Garcia, atestam a importância dessa instituição para a sua formação, lembrando de modo especial a figura da professora Eulina Fontoura, grande conhecedora de nossa realidade educacional e de seus problemas, sob os aspectos técnico, histórico e político. Esse curso constitui para Marli importante complementação ao de Letras, consolidando uma base muito segura para o trabalho muito bem enfrentado ao longo de sua carreira.

Em seu Mestrado, na PUC-Rio, Marli teve a possibilidade de participar de um departamento de educação em pleno desabrochar, onde foi defendida a primeira dissertação de mestrado em educação no país, em 1966, por Maria Aparecida Mamede. Marli fez sua dissertação em 1976, sob a orientação de Vera Maria Ferrão Candau, testemunha do componente pedagógico ou didático bem marcante em seu trabalho de professora, formadora e pesquisadora. Havia, nesse tempo, do qual sou participante desde 1975, um clima efervescente de crescimento nesse departamento, dentro de uma universidade muito aberta ao desenvolvimento científico, com forte estímulo à criação de cursos de pós-graduação, sem descuidar da importância da formação básica nos cursos de graduação, nos vários departamentos que mantinha. O que assegurava, como até hoje faz, seu reconhecimento como uma das mais importantes universidades no país, não apenas entre as que pertencem ao setor privado. Marli se beneficiou desse clima estimulante e contribuiu para ele.

No mestrado em educação onde tive a chance de ter Marli como estudante, vivíamos uma situação de transição, em relação à pesquisa em educação, foco da disciplina que eu lecionava. Já tinha passado por um período de pós-doutorado na Florida State University, USA, onde me beneficieei da onda já se levantando em direção à metodologia de pesquisa em educação, até então dominada pela abordagem quantitativa, com suas técnicas e exigências apoiadas em recursos estatísticos, em um esforço claro de aproximação com o rigor próprio das ciências exatas.

Em sua permanência no Departamento de Educação da PUC-Rio, como estudante de mestrado e depois como professora e pesquisadora, Marli participou e contribuiu ativamente para o movimento de expansão dos programas de pós-graduação, de grande importância para o desenvolvimento da pesquisa na área da educação. Quando o CNPq ainda não tinha aberto a possibilidade de bolsas de Iniciação Científica e outras para estudantes da nossa área, tínhamos no INEP alguns bons auxílios para estímulo ao desenvolvimento do trabalho de pesquisa pelos nossos mestrados. Lembro-me que a FINEP, então um dos poucos órgãos governamentais financiadores de pesquisa, concedeu, pela primeira vez na área da educação, auxílio para um projeto relativo à formação de professores com realização do Departamento de Educação da PUC-Rio. Maria de Lourdes Fávero, então professora do departamento, foi a coordenadora do estudo, a ser realizado por professores e estudantes da instituição. Lurdinha, como era conhecida, conduziu os trabalhos em grande parte, tendo de deixá-los, entretanto, antes de sua conclusão, passando para mim a coordenação. Justamente nessa época recebi da CAPES a notícia, esperada há muito tempo, sobre a aprovação de uma bolsa de pós-doutorado que eu deveria iniciar imediatamente junto à Universidade da Califórnia, em Berkeley. Tive então que passar a coordenação do projeto para a Marli, que o concluiu com muito sucesso.

Sendo um dos programas mais antigos e consolidados do sistema de Pós- Graduação em Educação no país, nosso Mestrado vinha formando, há bastante tempo, estudiosos experientes e já de renome na área, produzindo dissertações de peso equivalente ao de teses de doutorado, ainda não disponível entre nós. Como Osmar e Lurdinha Fávero, Luiz Antônio Cunha, J. Silvério Bahia Horta, Pedro Benjamin Garcia e tantos outros de uma longa lista. Recebíamos solicitações e convites de universidades de vários estados que começavam a organizar seu programa de PG a partir do mestrado. Havia muito poucos programas já estabelecidos e o nosso ainda apenas com o mestrado, atendeu, durante anos seguidos, grupos de professores já pertencentes a várias universidades, que necessitavam receber formação e titulação exigidas para a criação de programas de pós-graduação. Esses professores, em geral muito jovens, em início de carreira, vinham com bolsas para permanecerem no Rio por dois anos, dedicando-se aos estudos em tempo integral, para cumprir as exigências relativas às disciplinas do currículo e o desenvolvimento de um projeto de pesquisa para a elaboração de sua dissertação de mestrado. Foi um período de grande vitalidade para o departamento, com vários professores retornando de seu doutorado e pós-doutorado, como era o caso da Marli e de outros, podendo compartilhar com jovens professores, em plena formação para o trabalho de pesquisa, o que tínhamos podido conhecer em países com experiência mais amadurecida em cursos de pós-graduação. Para nós, professores, foi uma oportunidade excelente para expormos a estudantes, já professores diretamente ligados aos problemas das escolas nas diferentes realidades de nosso vasto país, de onde eles provinham, o que havíamos conhecido em outras realidades, iniciando com eles uma reflexão crítica sobre o que valia a pena aproveitar e o que deveríamos tratar de criar nós mesmos, com a pesquisa como aliada indispensável. Além do contato com esses professores, então alunos no mestrado, tínhamos, por meio deles ao retornarem as suas universidades, contatos com seus diretores e coordenadores, que frequentemente nos convidavam para palestras e seminários, pelos quais ampliávamos a discussão sobre novas ideias e novas estratégias, sobretudo para o trabalho de pesquisa frente aos problemas sempre desafiadores. Cumprindo uma função de irradiação que compete à universidade, de modo especial em um país que necessita desse tipo de recursos para seu

desenvolvimento. Marli estava sempre disposta a atender a essa necessidade, deslocando-se para curtas e longas distâncias, apesar de ter dois filhos ainda pequenos. O doutorado veio depois, também um dos primeiros na área, procurando manter a qualidade e o prestígio do programa, recebendo grande número de candidatos, bem maior do que o número de vagas que podiam ser atendidas.

Em 1971 tive oportunidade de um período de pós-doutoramento na Faculdade de Educação da Florida State University. Meu interesse mais direto na época era sobre problemas da avaliação da aprendizagem na escola de 1º grau, com taxas de reprovação enormes, sobretudo nas primeiras séries, frente ao desafio da alfabetização. As estatísticas eram assustadoras, reprovando cerca de 50% dos alunos dessas séries iniciais, provocando grandes discussões na comunidade educacional e fora dela, nas famílias, na mídia e sobretudo nas esferas governamentais, sem que se divisasse uma possível saída para o sério problema. Como o campo da educação concentrava no setor da avaliação uma espécie de elite de seus pesquisadores, na época, nos Estados Unidos, país que se destacava pelo incentivo à pesquisa na área da educação, como em todas as outras áreas, eu tive a chance de entrar em contato com o trabalho inovador de experts dedicados ao tema tão delicado da avaliação. Começavam a despontar estrelas que se tornariam luminárias em breve, partindo, em geral, de suas sólidas bases de formação no trabalho quantitativo, alguns chegando mesmo a romper até certo ponto com elas, ao reconhecer o sucesso muito limitado de sua contribuição frente aos problemas graves da educação até então. Nomes como Robert Stake, Egon Guba, Elliott Eisner, Michael Scriven, entre vários outros, começariam a aparecer na literatura específica da avaliação, com mais frequência e com uma perspectiva que se mostraria mais próxima da complexidade própria dos fenômenos educacionais, não apenas no que toca à avaliação. Destaco M. Scriven pela feliz acolhida à dupla de conceitos há muito presentes no trabalho de professores que conhecem bem a delicada posição do papel da avaliação, captada tão bem pelo par de conceitos: avaliação formativa e avaliação somativa.

De volta ao Brasil, percebi que já podíamos trabalhar com nossos estudantes de forma mais aberta em relação às possibilidades de tratamento das informações colhidas em nossas pesquisas, distanciando-nos aos poucos das formulações então dominantes na orientação dos aspectos metodológicos na pesquisa em educação. A obra muito conhecida de Fred Kerlinger, (1964) que ocupava lugar central dessa orientação, ao lado do “design experimental” em seus vários modelos, foi cedendo espaço para formas mais livres de interrogar a realidade estudada, inspiradas em contribuições de ciências mais antigas e consolidadas, como a História com Dilthey (1976), ou mais recentes como a Antropologia com Malinowski (1961). Havia já um clima favorável ao desenvolvimento do pesquisador mais próximo do artesão com W. Mills (1965), cuidando da construção do conhecimento com todos os recursos disponíveis, mas sobretudo com sua capacidade inventiva, sua engenhosidade. Um pouco mais tarde, em relação ao professor e a sua formação, já se insinuava a imagem proposta por Stenhouse (1975) do professor como pesquisador constante, em sua sala de aula, em busca de respostas às necessidades de aprendizagem de seus alunos, na diversidade que sempre compõe uma turma de estudantes. Essa posição já começava a se refletir em nossos cursos na universidade.

Para mim esse clima foi fortemente estimulado também pelo período de pós-doutorado que passei na Universidade da Califórnia, Berkeley (1980/81), ampliando meu contato com o trabalho de autores dedicados à procura de novos caminhos para o desenvolvimento de pesquisas mais efetivas frente aos problemas da educação. Para Marli esse estímulo veio em dose dupla com seu doutorado e pós-doutorado na Universidade de Illinois em Urbana-Champaign onde teve oportunidade de contato direto com professores pesquisadores como Robert Stake e Barak Rosenshine, muito dedicados aos problemas específicos da formação de professores. Em especial no pós-doutorado, Marli pode acompanhar a produção de autores como esses, em torno de questões candentes no campo da educação, em um movimento crescente em direção a uma

perspectiva qualitativa para a pesquisa. Assim, ela teve acesso à literatura saída do forno a esse respeito, trazendo-a depois para o Brasil, onde floresceu e se enriqueceu, com seu trabalho, o de colegas e o de muitos estudantes que ela ajudou a formar ao longo de sua carreira.

Em 1983 o diretor da Editora Pedagógica Universitária, E.P.U., de São Paulo, Sr Knup, me convidou para fazer um livro sobre metodologia para pesquisas de abordagens qualitativas em educação. Seria para uma coleção de livros especialmente destinados a estudantes de cursos de graduação em preparação para o magistério e também a professores já trabalhando em instituições da educação básica. Ele já conhecia meu trabalho com estudantes de cursos da pós-graduação em educação na disciplina de metodologia da pesquisa e foi bem claro em seu convite pedindo-me que não me dirigisse a esses estudantes, mas concentrasse minha atenção aos alunos da graduação e professores da educação básica. Surpreendi-me com o convite, mas me senti muito honrada e estimulada para atendê-lo, sentindo que seria uma oportunidade de compartilhar com jovens em formação e professores empenhados constantemente em sua qualificação algumas das inovações que tinha tido a chance de conhecer, no campo complexo e delicado do trabalho de pesquisa em educação. Ainda mais com a preocupação sobre as abordagens qualitativas, que começavam a surgir com possibilidades promissoras e muito pouca ajuda no apoio bibliográfico. Impressionou-me a sensibilidade do editor ao perceber e dar força a uma iniciativa que se revelaria realmente oportuna no que se seguiu. Durante minha conversa com ele, em minha sala na PUC-Rio, lembrei-me que Marli tinha regressado há pouco, após seu doutorado e pós-doutorado nos Estados Unidos e trazia em sua bagagem obras importantes e recentes, justamente sobre questões ligadas à pesquisa qualitativa em educação. Como já conhecia bem as qualidades excelentes da Marli como pessoa e pesquisadora, perguntei se poderia convidá-la para trabalhar comigo no livro, e a resposta foi que se era pessoa de minha confiança, poderia sim.

Marli felizmente aceitou meu convite e iniciamos logo o trabalho para o livro, dividindo entre nós os capítulos, sendo cada um deles sempre discutido pelas duas, levando adiante o que achávamos mais conveniente e urgente para os leitores que se iniciavam na pesquisa em educação, já podendo se beneficiar das novas possibilidades oferecidas pelas abordagens qualitativas. Sabíamos que estávamos vivendo uma alteração importante no jeito de entender e de fazer pesquisa em educação, nós duas com traços residuais da formação que tivemos, no meu caso há mais tempo, empenhadas em desbravar caminhos abertos pelo trabalho de autores que tivemos a oportunidade de conhecer e estávamos decididas a compartilhar com os que se preparavam e os que já se achavam comprometidos com o trabalho docente. O desafio de preparar um livro reunindo pelo menos as preocupações básicas com as possibilidades e os cuidados requeridos pelo trabalho com a pesquisa de abordagens qualitativas em educação nos pareceu quase obrigatório. E a oferta para tentar alcançar um número maior de interessados, além dos nossos próprios estudantes era irrecusável. Estávamos longe de sentir ou de prever o caminho que o pequeno livro passou a trilhar, desde sua publicação em 1986, até hoje, 2021, completando 35 anos de vida útil. (Lüdke e André, 1986)

Questionávamo-nos frequentemente, Marli e eu, sobre como estaria circulando nosso livro, junto a estudantes e diplomados que se apresentavam aos concursos, nos quais ele constava na lista dos livros recomendados. Tínhamos bem claro que ele não trazia mais do que uma introdução, sobre os problemas e os recursos das novas abordagens na época que deveriam, aos poucos, receber tratamentos mais aprofundados em obras dedicadas a aspectos específicos da pesquisa qualitativa, bem como a novas modalidades metodológicas já se desenvolvendo. Chegavam aos nossos ouvidos notícias de que ele estava sendo usado em Portugal e aqui sendo indicado a estudantes de outras áreas, como Serviço Social, Enfermagem e até Medicina, inclusive a estudantes de cursos de pós-graduação. Essas notícias mais do que nos agradarem nos preocupavam bastante, pois estávamos bem cientes dos limites do nosso trabalho. Marli, com seu senso de realidade bem mais atento que o meu, sempre conseguia acalmar nossas discussões sobre o assunto, ponderando que havíamos feito a nossa parte do melhor jeito ao nosso alcance.....

As abordagens qualitativas avançavam, talvez um pouco rápido demais, no campo da pesquisa em educação. Obras importantes, recentes, a esse respeito, começavam a ser traduzidas ao português, entre elas algumas das que Marli tinha trazido em sua bagagem e introduzido em nosso livro. Trabalhos derivados de pesquisas começaram a ser publicados, entre eles os nossos, sobretudo os da Marli, com obras inteiras dedicadas a aspectos metodológicos das novas abordagens, com um livro sobre a contribuição da Etnografia (André, 1995) e outro sobre o estudo de caso (André, 2005). Em 2013, frente à exigência de adaptação à nova ortografia da língua portuguesa, fomos consultadas pelo Grupo Editorial Nacional, GEN, que reuniu um grupo de editoras menores, como a E.P.U, se gostaríamos de fazer algumas alterações em nosso livro para uma segunda edição. Marli não se entusiasmou muito com a ideia, nem eu, sentindo que embora “datado”, isto é, bastante marcado pelas características da época, seus problemas e recursos, o livro respondia, dentro de seus limites, às necessidades mais prementes da pesquisa em educação. Havia uma defasagem em relação à estruturação dos níveis de ensino e sua denominação, que tinham passado de primário, secundário e médio, a primeiro e segundo graus, reunindo no primeiro as séries de 1ª a 8ª, e no segundo grau o antigo ensino médio, também conhecido durante certo tempo como Colegial, passando então a ser denominado como segundo grau. Hoje as denominações já se encontram novamente modificadas, assim como a própria estruturação, voltando o ensino médio a designar a formação oferecida após a conclusão do ensino fundamental, hoje composto pelas séries de 1ª a 4ª, como fundamental I e da 5ª à 9ª séries como fundamental II. As mudanças são constantes, de acordo com as prescrições legais, o que nos levou a considerar que não se justificaria fazermos, naquela altura, alterações nas denominações presentes ao longo do livro. Reconhecíamos, como já comentado, que ele estava marcado pelo cenário da época, em que foi elaborado, mas também tínhamos que reconhecer que em grande parte, os problemas que desafiavam a educação e sua pesquisa continuavam presentes e ativos. Nosso livro continuaria defasado em aspectos estruturais e sua denominação, mas as bases que sustentavam nossa apresentação das novas abordagens metodológicas continuavam sólidas, podendo ajudar aos que se iniciavam nos caminhos da pesquisa. Uma releitura cuidadosa, além de detectar alguns problemas de digitação ainda presentes, confirmou nossa percepção sobre o papel do pequeno livro. Deixamos isso claro num novo prefácio à segunda edição de 2013 e ele prosseguiu seu caminho.

Em 2020, às vésperas de completar 35 anos da primeira edição, em 2021, a editora GEN nos contatou para uma nova consulta sobre a possibilidade de fazermos atualizações para uma nova edição. Marli já estava com problemas de saúde e logo deixou claro que não poderia assumir tal responsabilidade. O pessoal da editora insistiu bastante comigo, apontando aspectos específicos sobre os quais gostariam que fizéssemos alterações. Alguns apenas formais, relativos às denominações atuais dos níveis de ensino e a expressões consideradas menos usuais na literatura corrente na área. Porém outros implicando na introdução de novas tecnologias para tratamento dos dados e mesmo de novas modalidades metodológicas, o que demandaria, a nosso ver, a elaboração de um novo livro. Uma nova releitura confirmou a surpreendente atualidade do nosso texto, nos princípios que orientaram sua concepção e decidimos deixá-lo continuar a cumprir seu trabalho tal como se encontra.

De volta a São Paulo Marli prosseguiu sua brilhante carreira de professora e pesquisadora, passando por uma importante experiência, no campo da administração, como coordenadora do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da USP, onde ela tinha iniciado sua formação profissional, lembremo-nos, no curso de licenciatura em Letras. Enfrentou com muito sucesso problemas de um período de grandes desafios para os programas de pós-graduação, em uma luta para conquistar e manter suas posições que lhes asseguravam acesso a auxílios fundamentais para bolsas, financiamento de pesquisa e de outros trabalhos importantes para o desenvolvimento de programas bem qualificados. Por certo a experiência vivida no Rio, junto a um programa bastante consolidado ajudou na difícil tarefa de buscar as melhores soluções, ainda

que seu acolhimento não seja o mais fácil. Passou depois a trabalhar na PUC-SP, dedicando-se mais tarde à criação de um Mestrado Profissional, em uma aposta ainda rara entre líderes universitários de depositar confiança a essa inovação, que vem se revelando de muito sucesso, constituindo possivelmente sua última lição a ser bem cuidada e aprendida. Esta e outras das lições que tivemos a chance de receber, pelo trabalho intenso e efetivo da Marli, receberão tratamento especial nos textos deste dossiê e de outras publicações a seu respeito. Devo me concentrar aqui em aspectos nos quais estávamos mais próximas, em especial os ligados à ANPEd, sem esquecer que mantivemos, Marli e eu, uma linha de entendimento sobre problemas da educação e de como enfrenta-los com a pesquisa, que nos acompanhou sempre, ao longo de nosso trabalho ao qual voltarei mais adiante.

A ANPEd, à qual sou filiada desde sua fundação e Marli chegou a ser membro da Diretoria na presidência de Maria Malta Campos (1995-1999), sempre constituiu um ponto de reunião anual com colegas, vários dos quais foram se tornando amigos, formando uma espécie de “família profissional” que nos acompanha ao longo de nosso trabalho, em uma dimensão mais ampla, ajudando a nos sustentar frente às lutas políticas de âmbito nacional. Marli, de volta a São Paulo, envolvida em sucessivos compromissos profissionais com várias instituições, continuou suas atividades muito profícuas como professora e pesquisadora, formando mestres, doutores e também pós-doutores, vindos de vários estados do país em busca de aperfeiçoamento sobretudo em sua qualificação como pesquisadores. Com sua capacidade de liderança e organização, Marli constituiu grupos de pesquisa que se sucediam, em torno de problemas que considerava urgentes, frente aos quais buscava possíveis soluções e entusiasmava seus estudantes a acompanhá-la nessa busca. O que várias vezes resultou na composição de livros, com a colaboração desses estudantes, bem como de colegas, professores, de diferentes instituições, com obras que logo passaram a oferecer preciosa ajuda aos estudiosos desses problemas. Além dos livros de sua autoria exclusiva, já mencionados e dos vários dos quais participou em seu trabalho junto à Fundação Carlos Chagas, de dimensão nacional e internacional, que receberão por certo uma análise especial.

Nas reuniões da ANPEd Marli comparecia cercada por um grupo cada vez maior desses seus estudantes, que foram se tornando familiares para mim, pelas afinidades que tinham com problemas que há muito constituíam preocupações que nos ocupavam a ambas. Durante as reuniões, então anuais em Caxambu, tivemos oportunidade de desenvolver um trabalho, em conjunto, que representava a possibilidade de reunir num grande salão do Hotel Glória, um grupo, vindo de todo o país de interessados em discutir problemas específicos da pesquisa em educação, em especial os ligados às abordagens metodológicas qualitativas, de uso sempre crescente. Conduzimos durante cinco anos essa reunião, nos chamados “minicursos”, sempre lotados e muito animados, onde procurávamos discutir problemas trazidos pelos participantes, de suas pesquisas em geral em desenvolvimento em seus cursos de mestrado e doutorado. Tive uma vez a curiosidade de saber como era a composição desse grande grupo, tão interessado no que se passava nas sessões que tomavam as manhãs, creio que por dois ou três dias. Comecei, em tom meio brincalhão, perguntando quantos estudantes de graduação estavam presentes e me surpreendi com a presença de um pequeno número com a mão levantada. Deveriam ser jovens da própria cidade ou da redondeza, já que a ANPEd se destina a estudantes e professores de pós-graduação. Prossegui com a pergunta e foram se apresentando um bom número de estudantes, de mestrado, de doutorado e para nova surpresa, vários já em seu pós-doutoramento. Essa variedade de composição do grupo assegurava uma discussão enriquecida pela diversidade de perspectivas, com base nas diferentes experiências de pesquisa já vividas, que eram trazidas para discussão de cada problema proposto. Como numa grande aula, bem ampliada, na qual Marli e eu íamos fazendo nossas intervenções, com base em nossas pesquisas e nas contribuições que colhíamos da literatura, com suas novas reflexões e sugestões. Para nós era uma feliz ocasião para retomarmos questões

levantadas em nosso livro de 1986, já então antigas, mas continuando a representar problemas para nossa educação, sempre requerendo a atenção dos pesquisadores para novos recursos e novas modalidades que a reflexão cuidadosa vai sugerindo.

Os minicursos, como todo o trabalho desenvolvido pela ANPEd para o desenvolvimento da pesquisa em educação, na formação e no trabalho de professores, fazem parte de uma preocupação que vem nos acompanhando, Marli e eu, desde que decidimos nos dedicar ao trabalho com a educação dentro de uma perspectiva de formação, com todas as restrições e cuidados que essa expressão implica. Estou procurando tratar aqui de um tema que sempre esteve presente, ao longo da nossa carreira profissional, em nossos cursos, em nossas pesquisas, em nossas publicações, em nossas apresentações em eventos científicos dentro e fora do Brasil, nas avaliações de projeto de pesquisa e de artigos para periódicos, nas participações em comitês responsáveis por decisões de grande alcance no campo educacional. Enfim, ao lado de múltiplas questões desse campo, para nós, estava sempre presente, no fundo, o papel da pesquisa e como ela entra de modo decisivo na formação de todo profissional, não apenas do professor. Junto a ele, porém, esse papel ganha uma proporção muito grande, pela sua parte na responsabilidade na introdução de jovens à perspectiva criativa de desenvolvimento próprio, que todo ser humano tem. O professor não está sozinho nessa função fundamental, mas justamente por se encontrar no período entre nós denominado “fundamental” na fase inicial da aprendizagem escolar, sua formação representa um desafio para os que se preocupam e se ocupam com ela. Como assegurar que esse profissional tão importante está preparado e tem as condições básicas para oferecer aos alunos a situação em que cada um deles possa exercer a sua aprendizagem, como tão bem foi resumida por Maria do Céu Roldão na afirmação da unção de ensinar como era aprender alguma coisa a alguém” (2005, p.119).

A própria concepção de pesquisa, tal como se apresenta na área da educação, tem evoluído muito nas últimas décadas, como pudemos assinalar há mais de três, em nosso livro de 1986. E continuamos a acompanhar sua evolução e enriquecimento, com novos recursos e modalidades, em nossa pesquisa, em nossas publicações, especialmente as da Marli, como já foi comentado. Sendo a formação de professores um dos focos principais de nossos estudos, não poderíamos deixar de atentar para a estreita relação entre os dois termos, o professor e a pesquisa. Tenho agora, diante de mim, entre outros um dos livros organizados por Marli sobre o tema, cujo título evoca claramente essa relação “O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores” (André, 2001). E evoco, a título de exemplo um livro resultante de uma pesquisa por mim coordenada, tendo a participação generosa de Marli e mais onze estrelas brilhantes da constelação educacional nativa, em um design audacioso, que procurava saber o que conta como pesquisa, em um cenário no qual o professor desempenha papel central (Lüdke, 2009). Nossa preocupação com o tema vem sendo apoiada por contribuições bem anteriores, algumas já citadas, como a de Stenhouse, de 1975, com o professor visto como um experimentador em sua sala de aula, que nos abriu a atenção para o trabalho constante de construção de conhecimento, do professor que está aberto e pronto para a função de pesquisador. Cochran Smith e Little, mais tarde (1999), assinalaram a abertura da própria pesquisa para novas possibilidades de crescimento nesse trabalho, como também afirma J. Beillerot em artigo de 1991, traduzido no livro organizado pela Marli citado (2001). John Elliott vem oferecendo forte apoio com a via da pesquisa ação e a confiança no trabalho do professor pesquisador, (1989), com trabalhos recentes muito apreciados por Marli (2019). Já no novo milênio, entra a contribuição de Zeichner (2005), apostando na parte que cabe ao professor, na busca de soluções para os problemas de aprendizagem de seus alunos. E vários outros que não vou trazer aqui, inclusive Marli, trabalhando em conjunto com Dario Fiorentini em torno da pesquisa colaborativa, ou em colaboração (2004).

Considerações finais

Nesses trabalhos todos, como também nos nossos, da Marli e meus, encontra-se a preocupação com a busca de uma concepção de pesquisa que possa não apenas acolher novas estratégias e modalidades que procuram tornar mais efetivo o trabalho da pesquisa corrente, mas que possa ampliar o próprio modo de ver a pesquisa em educação, com um alcance maior, que possa abrigar esforços que a aproximem mais da construção de conhecimentos para enfrentar os problemas que afligem nossa educação. Nosso trabalho de 2009, do qual Marli participou, deixou alguns sinais de possível abertura nessa direção, sinalizando também desafios no terreno da avaliação, entre outros, sobre os quais vimos, as duas, refletindo e discutindo desde então, buscando em velhos e novos aliados ajuda para essa luta, na qual, com imensa emoção, tenho que registrar a perda da querida parceira. Estou certa que seu brilho de estrela vai continuar a nos iluminar.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. Etnografia da prática escolar. 18. ed. Campinas: Papirus, 1995.
- ANDRÉ, M.(org.) O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- ANDRÉ, M. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Liberlivros, 2005.
- BEILLEROT, J. A “pesquisa”: esboço de uma análise. In: ANDRÉ, M. (Org.) O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- COCHRAN-SMITH, M.; LYTLE, S. The teacher research movement: a decade later. In: Educational Researcher, v. 28, n.7, p. 15-25, 1999.
- DILTHEY, W. The construction of the historical world in the human studies. In: RICHMAN, H. P. (Ed.) W.Dilthey: Selected writings. Cambridge; Cambridge University Press, 1976.
- ELLIOT, J. Educational theory and the professional learning of teachers: An overview. Cambridge Journal of Education, Cambridge, vol. 19, n. 1, p. 81-101, 1989.
- ELLIOTT, J. Quality criteria for lesson and learning studies as forms of action research. In: International Journal for Lesson and Learning Studies, v.9, nº1, p. 11- 17, 2019.
- FIORENTINI, D. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In: BORBA, M. C; ARAÚJO, J. L. (Orgs) Pesquisa qualitativa em educação matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- KERLINGER, F. N. Foundations of behavioral research: educational and psychological inquiry. New York: Hott, Kinehart, Winston, 1964.
- LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U, 1986.
- LÜDKE, M.; BOING, L. A.; CRUZ, G. B. da; OLIVEIRA, A.T.; SCHAFFEL, S. L. . O que conta como pesquisa?. São Paulo: Cortez, 2009.
- MALINOWSKI, B. Argonauts of the western Pacific. Nova York; Dutton, 1961.
- MILLS, C. W. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro Zahar, 1965.
- ROLDÃO, M. C. Profissionalidade docente em análise – especificidades dos ensinos superior e não superior. In: Revista Nuances. Estudo sobre Educação, v. 12. n.13, p. 105-126, 2005.
- STENHOUSE, L. An introduction to curriculum research and development. Londres: Heinemann, 1975.
- ZEICHNER, K.; DINIZ-PEREIRA, J. Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social. Cadernos de Pesquisa, v.35.n. 125, p. 63-80, 2005.

LÜDKE, M.; Reverberações da nossa estrela Marli André. Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores. Belo Horizonte. Vol. 13, nº. 28 (p. 19-30) 31 dez. 2021. ISSN: 2176-4360. DOI <https://doi.org/10.31639/rbpf.v13i28.544>

